

CONFORMAÇÃO DE GRUPO DE ESTUDO E PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO DE DESIGN DE MODA

*Study Group and Interdisciplinary Project Framing in a Fashion Design BA
Course*

Barbosa, Carlos Alberto; PhD; Universidade Anhembi Morumbi,
carlosalberto.barbosa@gmail.com¹

Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de
Design

Resumo: Este relato apresenta a experiência de formação do Grupo de Estudo Design e Filosofia, constituído por alunas do curso de Design de Moda da Universidade Anhembi Morumbi. As atividades do grupo formaram a base para uma pesquisa interdisciplinar e a formação do Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de Design, junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Palavras chave: Design de moda; filosofia; interdisciplinaridade.

Abstract: This report presents the experience of Design and Philosophy Study Group constituted of students from Fashion Design BA Course at Anhembi Morumbi University. The group became the groundwork for an interdisciplinary research and the basis of Research Group Design and Philosophy: Theory and Critique of Design Processes, as part of CNPq's Directory of Research Groups.

Keywords: Fashion design; philosophy; interdisciplinarity.

Introdução

O que ora se apresenta é a comunicação de uma experiência de formação de um grupo de estudo envolvendo alunos de diferentes semestres do curso de design de moda, bem como um projeto de visualização de dados decorrente das leituras e discussões desse grupo, projeto esse que também passou a envolver alunos de outros cursos, tais como o bacharelado em Design Digital e, futuramente, o curso de Ciências da Computação. Entende-se também que a

¹ Professor dos cursos de Design de Moda, Negócios da Moda e Design Digital da Universidade Anhembi Morumbi, Mestre em Filosofia (PUC-SP), Doutor em Design (PPG-Design da Universidade Anhembi Morumbi) e líder do Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de Design (DGP-CNPq).

experiência da formação desse grupo de estudo corresponde, em grande medida, ao exercício da interdisciplinaridade e da relação entre o ato projetual e a aquisição de conhecimento.

A experiência desse grupo de estudo e o primeiro projeto derivado de suas leituras e discussões mostraram possibilidades de aprendizado que se estendem para além da sala de aula, bem como se deslocam para um espaço que pertence a múltiplos saberes, possibilitando um questionamento sobre o conhecimento, a atividade projetiva e o papel do professor, tal como apontou Georges Gunsdorf (2003) em sua obra *Professor para que?*, na qual pode-se ler que

Ninguém pode aprender ou ensinar nada a ninguém, é o que nos diz o patriarca da pedagogia no Ocidente [o Sócrates platônico a partir do diálogo *Mênon*], e a civilização escolar, em toda a sua amplitude, surge-nos como uma gigantesca mistificação (GUNSDORF, 2003, p.5)

O autor revela em poucas linhas a salvação e seu algoz. A salvação através do chamamento para o conhecimento e para o saber, e seu algoz, na forma de uma ordenação do conhecimento instrumental que se acomodou nos intramuros das instituições de ensino, criando uma mística em torno do conhecimento, e dando a ele a condição de um certo monumentalismo e inacessibilidade. Uma inacessibilidade que dificulta o contato do estudante com o próprio objeto de conhecimento, e a sua formação (*Bildung*), a qual, nas palavras de Adorno (1995, p.63), transformou-se em uma colcha de retalhos,

A colcha de retalhos formada de declamação ideológica e de fatos que foram apropriados, isto é, na maior parte das vezes decorados, revela que foi rompido o nexo entre objeto e reflexão [...] levando imediatamente a concluir pela ausência da formação cultural (*Bildung*) necessária a quem pretende ser um formador

Em meio a uma realidade educacional que cada vez mais - e desde pelo menos a segunda metade do século XX (cf. VELHO, 1996, p.14) - se configura como resposta às demandas de formação profissional, e não de uma formação estritamente cultural, conforme a tradição europeia (ibid.), discutir a relação entre produção e conhecimento, fazer e conhecer, fazer e aprender, parece premente. Tal premência é revelada especialmente quando se pretende que o estudante

gresso de um curso superior seja analítico e crítico em relação à sociedade na qual o seu conhecimento será aplicado.

Para tanto, resolveu-se aqui tomar a relação entre o fazer e o aprender de maneira a discutir a hierarquia entre ambos, não por uma questão ligada à relevância social de um ou outro, mas por conta de uma opção metodológica, como ensina Marcovitch (1988, p. 177)

Aprender a fazer é o caminho para transformar proposições em resultados, alternativas em soluções, utopia em realidade. Assim, o fazer torna-se uma fonte de aprendizagem, alimentando o conhecimento

Tendo em vista esses aspectos, o que segue é o relato do ainda curto percurso de um grupo de estudo, e as consequências de suas leituras e discussões em torno de conceitos, observações empíricas e prática de um projeto ainda em fase de instalação.

O Grupo de Estudo Design e Filosofia

No segundo semestre de 2016, alunas do curso de Design de Moda da Universidade Anhembi Morumbi demonstraram interesse em formar um grupo de estudo para discutir questões teóricas que foram introduzidas no curso em semestres anteriores, notadamente as relações entre design e filosofia. No início de setembro foi realizado o primeiro encontro, com pouco menos de trinta alunas, além de mais uma professora do curso que manifestou interesse em participar das discussões. Neste primeiro encontro foram expostos os interesses, objetivos e a forma de conduzir os trabalhos do grupo, que a partir daquele momento passou a ser chamado de Grupo de Estudo Design e Filosofia (GEDeFi). As diretrizes para o grupo acertadas naquela primeira reunião foram:

- a) Realizar encontros quinzenais de duas horas para leitura e discussão de textos da área do design e da filosofia, buscando a promoção de articulações entre esses campos.
- b) Tais articulações teriam como objetivo fundamentar a produção de textos, projetos de design de moda e expressões plásticas diversas do grupo.

- c) As produções provenientes do grupo seriam inscritas em eventos como congressos, seminários, mostras etc.
- d) O grupo ainda deveria propor e organizar encontros com convidados externos, que pudessem auxiliar e fomentar o debate e as relações entre os conceitos discutidos pelo grupo e nos seus projetos.

A partir de então, tendo em vista os parâmetros estabelecidos, as leituras e discussões tiveram início. Nos dois primeiros encontros que seguiram a formação do grupo, foi lido e debatido o texto *Forma* (CIPINIUK, 2008). Partindo daquela primeira leitura, foi exposta e discutida a teoria da forma de Platão, apoiada na leitura de alguns trechos do diálogo *Fedro* (PLATÃO, 1994) e *A República* (ibid., 1993). Discutiu-se ainda sobre o confronto entre a teoria da forma em Platão e Aristóteles anunciada no texto de Cipiniuk (2008, p.192-193), para então relacionar a referência que Cipiniuk (2008, p. 193-194) faz ao *a priori* kantiano. Nesse ponto foi lido e debatido fragmentos de um discurso de Maldonado (1999, p.13), no qual o ex-reitor da Escola de Ulm destaca a submissão das decisões formais de um projeto aos elementos apriorísticos que devem estar presentes na atividade do designer.

Uma vez estabelecidas as primeiras conexões entre design e filosofia, e tendo em vista as aproximações entre o trabalho com os conceitos e a atividade projetiva, o grupo passou à leitura da obra *Moda uma filosofia* (SVENDSEN, 2010), obra na qual os aspectos referentes à construção da modernidade e sua representação desembocam no conceito de moda, cuja natureza, segundo o autor é ser transitória.

Ela [a moda] se move em ciclos, um ciclo sendo o espaço de tempo desde o momento em que uma moda é introduzida até aquele em que é substituída por uma nova, e seu princípio é tornar o ciclo – o espaço de tempo – o mais curto possível, de modo a criar o número máximo de modas sucessivas. Nesse sentido, ela se aproximou cada vez mais de uma realização de sua essência, já que seus ciclos se tornaram mais curtos, deixando de durar uma década como no século XIX para durar apenas uma estação dos anos 1970 em diante (SVENDSEN, 2010, p.34)

O semestre foi encerrado com o restante da leitura do texto de Svendsen (ibid.), que ao confrontar o novo e o antigo e a associação da moda com o efêmero, já prenunciou o próximo texto a ser lido na abertura do semestre

seguinte: a obra já conhecida por muitos dos integrantes do grupo, *O império do efêmero* (LIPOVETSKY, 2009).

O segundo semestre do Grupo de Estudo, e a proposta de um projeto

Na primeira reunião do segundo semestre, antes mesmo de iniciar a primeira leitura, tomou lugar no grupo a discussão de um projeto no qual as mudanças e efemeridades da moda, conforme os conceitos debatidos no semestre anterior, pudessem ser visualmente registradas. A iniciativa serviria a dois propósitos: o primeiro, possibilitar que os conceitos discutidos anteriormente ganhassem alguma concretude, enquanto o segundo propósito seria instigar o grupo a buscar conhecimentos para realização do projeto em si. Ainda naquele primeiro encontro do segundo semestre de atividade do grupo, alguns integrantes sugeriram que os encontros passassem a ser semanais, e não mais quinzenais. Acertou-se também que as leituras e reuniões para discussão do projeto seriam intercaladas, possibilitando que os integrantes que eventualmente não participassem do projeto pudessem seguir as leituras e discussões. Decidida a nova periodicidade dos encontros, partiu-se para a leitura da obra de Flávio Villaça, *Reflexões sobre as cidades brasileiras* (VILLAÇA, 2012), na qual através de representações cartográficas o autor discute as diferenças de investimento público nas regiões da cidade de São Paulo, demonstrando como tais investimentos privilegiam setores que, de certa forma, já são privilegiados. Tendo os mapas de Villaça como referência, foi preparada uma apresentação no grupo com a proposta de, também utilizando o mapa da Cidade de São Paulo como pano de fundo, cartografar a cartela de cores a partir das roupas vestidas por transeuntes nas diferentes regiões da cidade. A fim de pensar os aspectos metodológicos da proposta, além da obra de Flávio Villaça (2012), foi também introduzida no grupo uma literatura sobre construção de *corpus* de pesquisa com imagem (BAUER; AARTS, 2002). Deste conjunto de leituras, somado ao desejo de dar concretude às discussões do semestre anterior, nasceu o projeto *Corpo, território, espaço e lugar: as cores na Cidade de São Paulo*, que passou a ser conhecido dentro do grupo como *projeto cores SP*.

O projeto cores SP

Nas reuniões seguintes sobre o *Projeto cores SP*, foi sentida a necessidade de ter no grupo alguém da área de design digital, a fim de auxiliar na feitura de uma interface na qual as imagens coletadas pudessem facilmente ser carregadas, armazenadas e dispostas de tal forma que as cores pudessem ser facilmente visualizadas em um mapa digital. A ideia de construção do mapa foi então exposta a um aluno do último ano do bacharelado de Design Digital, que passou a integrar o projeto. Inicialmente o novo integrante propôs e testou a interface do Google Maps como suporte do projeto, o que logo revelou-se como um recurso limitado, dadas as dificuldades na visualização de um maior conjunto de imagens simultaneamente, além da necessidade de um grande volume de trabalho no tratamento das imagens para que as cores fossem isoladas e arranjadas, de maneira que o resultado pudesse ser facilmente analisado.

Tendo em vista esse novo desafio, foi iniciado contato com um professor do curso de Ciência da Computação, também da Universidade Anhembi Morumbi, a fim de pesquisar soluções adequadas ao projeto. O professor se interessou pela pesquisa, e passou a integrar informalmente o grupo, buscando soluções de programação e rastreamento de imagens que poderiam fornecer os dados para a interface digital do mapa de cores. Foi também proposta e encaminhada a integração ao projeto de um grupo de alunos do curso de Ciência da Computação, a fim de dar prosseguimento a partir do segundo semestre de 2017 às soluções técnicas referentes à captação de imagens.

Também a partir desse momento, com a integração de alunos diferentes cursos ao projeto do grupo de estudo (GEDeFi), foi proposto para o setor de pesquisa da universidade a formação de um grupo de pesquisa junto ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq (DGP), o que deu origem ao Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de Design.

Considerações finais: resultados provisórios

Dessa forma, com a proposta e encaminhamento do *Projeto Cores SP*, o Grupo de Estudo Design e Filosofia (GEDeFi) passou a ter um projeto que deu norte às suas leituras e estudos.

Até o presente, como resultado da formação do Grupo de Estudo Design e Filosofia (GEDeFi) pode-se apontar:

- 1) Uma pesquisa interdisciplinar (*Projeto Cores SP*), com duração prevista de mais dois anos entre definições metodológicas, desenvolvimento e implantação de tecnologia para coleta de dados e informações visuais, e a produção da interface digital de visualização das cores coletadas.
- 2) A criação do Grupo de Pesquisa Design e Filosofia: Teoria e Crítica dos Processos de Design, no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (DGP).
- 3) Uma pesquisa de Iniciação Científica iniciada por uma aluna do curso de Design de Moda e integrante do GEDeFi.

Para o futuro, espera-se que o material disponibilizado pelo *Projeto Cores SP* possibilite diferentes leituras e análises, fomentando outras investigações.

Por fim, a experiência do Grupo de Estudo Design e Filosofia (GEDeFi) mostrou-se rica no seu aspecto interdisciplinar, tanto no que diz respeito a fornecer o combustível necessário para que os integrantes descobrissem soluções possíveis e caminhos teóricos para um projeto comum, como estimulou o início de um estudo metodológico que deverá culminar na formulação de uma síntese entre métodos de diferentes campos (JAPIASSU, 2006).

Tendo em vista a expectativa metodológica e os resultados acima elencados, é importante ressaltar que os desafios atuais (e motor) do grupo são:

- 1) Definir o *corpus* da pesquisa. Para tanto os integrantes do curso de Design de Moda estão se dedicando à leitura do texto de Bauer e Aaarts (2002), e a obra *Pesquisa qualitativa do início ao fim*, de Robert K. Yin (2016), mais especificamente o capítulo que o autor trata do delineamento de pesquisa.
- 2) O grupo de alunos do curso de Ciência da Computação terão como desafio investigar as soluções de captação de imagens e softwares que possam coletar e armazenar as informações de cores transformadas no padrão RGB, que serão enviadas à interface do mapa digital da cidade de São Paulo.

- 3) O integrante do curso de Design Digital terá como objetivo investigar, projetar e produzir a interface do mapa interativo e as diferentes possibilidades de dispor as informações geradas para visualização.
- 4) As alunas de Design de Moda terão ainda que confrontar e estabelecer a paridade entre os padrões de cores do sistema RGB e o *Pantone Fashion + Home*.
- 5) E, finalmente, também caberá às alunas de Design de Moda estabelecer as relações entre moda, efemeridade e os dados coletados e disponibilizados no mapa das cores.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do *corpus* de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.39-63.
- CIPINIUK, Alberto. Forma. In: COELHO, Luiz Antonio L (org.). **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Novas Ideias, 2008, p. 191-195.
- GUSDORF, Georges. **Professores para que?: para uma pedagogia da pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MALDONADO, Tomás. **Design industrial**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MARCOVITCH, Jacques. **A universidade impossível**. São Paulo: Futura, 1998.
- PLATÃO. **Fedro**. Lisboa: Guimarães, 1994.
- SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- VELHO, Sílvia. **Universidade-empresa: desvelando mitos**. Campinas: Autores Associados, 1996 (coleção educação contemporânea)
- VILLAÇA, Flávio. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.
- YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.